



VARIÁVEIS PESSOAIS, ACADÉMICAS E PROCESSUAIS NO APRENDER EM ALUNOS DO 1.º ANO DO ENSINO SUPERIOR: A AUTO-REGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Luísa Ribeiro Trigo*¹, Patrícia Costa*, Ana Moreira* & Pedro Rosário**

* Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa

** Departamento de Psicologia, Universidade do Minho

1. INTRODUÇÃO

As teorias mais recentes da aprendizagem realçam o papel activo do aluno, assumindo a auto-regulação da aprendizagem uma importante relevância enquanto constructo explicativo dos processos de aprendizagem, com implicações evidentes no sucesso escolar (Bandura, 2002; Randi & Corno, 2000; Rosário, 2004; Rosário, Núñez & González-Pienda, 2004; Schunk, 1994; Schunk & Ertmer, 2000; Zimmerman, 2000). Ela pode ser descrita como um processo activo, construtivo e orientado para objectivos sob a tutela da interacção dos recursos cognitivos, motivacionais e emocionais do aluno (Rosário, 2004).

Tendo em conta as mudanças que se verificam actualmente no ensino superior, torna-se fundamental conhecer o comportamento auto-regulatório dos reais protagonistas no processo ensino-aprendizagem, nomeadamente aquando do seu ingresso pela primeira vez na universidade.

Este estudo pretende assim analisar a relação entre os processos de auto-regulação da aprendizagem e algumas variáveis pessoais e académicas.

2. METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Participaram neste estudo 500 alunos do 1.º ano de uma universidade situada na Área Metropolitana do Porto, de diferentes cursos, que correspondem a diversas áreas de formação: biociências (15,2%), bioengenharia (7,2%), tecnologias da saúde (8,0%), enfermagem (15,0%), psicologia (8,8%), direito (21,4%) e economia/gestão de empresas (24,4%).

INSTRUMENTOS

Para avaliar o comportamento auto-regulatório dos alunos foi utilizado o IPAA-Univ. – Inventário de Processos de Auto-Regulação da Aprendizagem para Universitários, de Rosário, Mourão, Núñez, González-Pienda, Solano e Valle (2007). O Inventário é composto por 9 itens, que representam as três fases do processo de auto-regulação da aprendizagem: planificação, execução e avaliação. A resposta aos itens é efectuada com base numa escala tipo Likert de 5 pontos, de “nunca” a “sempre”.

Os dados pessoais e académicos foram recolhidos através de uma Ficha de Dados Pessoais e Académicos construída no âmbito deste estudo.

PROCEDIMENTOS

Para cada licenciatura, foi seleccionada uma unidade curricular do 1.º ano/1.º semestre, da área científica da respectiva licenciatura. Relativamente a cada uma das unidades curriculares, os alunos foram inquiridos acerca dos processos de auto-regulação da aprendizagem utilizados. As notas de candidatura dos alunos e as notas obtidas pelos alunos no final do semestre foram facultadas pelos serviços académicos.

3. RESULTADOS

Auto-regulação e sexo

Verificamos que o sexo feminino apresenta valores mais elevados de auto-regulação do que o sexo masculino ($F(1)=33,45$; $p<.001$; $\eta^2 = 0,063$). Assim, desta associação resulta um efeito estimado de 0,063, o que corresponde a uma variância explicada de 6,3%.

Auto-regulação e curso

No que se refere à associação entre a auto-regulação e o curso frequentado, não se verificaram diferenças significativas ($p=0,073$).

Auto-regulação e desempenho académico prévio

O estudo dos processos de auto-regulação e o desempenho académico prévio permite verificar que os alunos que ingressam com notas de candidatura mais elevadas apresentam valores mais elevados de auto-regulação ($r=.20$, $p<0,01$).

Auto-regulação e rendimento académico

Verificamos ainda a existência de uma correlação positiva e estatisticamente significativa ($r=.13$, $p<0,01$) entre a auto-regulação e o rendimento académico na unidade curricular em estudo.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, e em consonância com o que tem vindo a ser apontado pela literatura, as raparigas apresentam um padrão auto-regulatório em média mais competente do que os rapazes.

Por outro lado, os alunos que ingressam no ensino superior com notas de candidatura mais elevadas parecem, de facto, apresentar, no 1.º ano da universidade, competências de auto-regulação mais robustas.

Também em linha com a literatura existente, neste estudo a auto-regulação afigura-se como uma componente importante para o sucesso académico. Os alunos que são autónomos, persistentes e responsáveis pela sua aprendizagem apresentam melhores resultados académicos.

Os alunos dos diferentes cursos não se diferenciaram nos valores médios de auto-regulação da aprendizagem utilizados nas respectivas unidades curriculares. Assim, o curso ou a unidade curricular em si não parecem explicar diferentes comportamentos auto-regulatórios. Será pertinente explorar a influência de outras variáveis no comportamento auto-regulatório dos alunos, nomeadamente a importância percebida da unidade curricular (i.e. utilidade percebida).

Os resultados reforçam a importância de fomentar no ensino superior, e concretamente no 1.º ano, a adopção de estratégias de auto-regulação das aprendizagens, com especial atenção para os alunos que apresentam um desempenho académico inferior, tendo em vista a melhoria do aproveitamento académico dos alunos.

5. REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (2002). Social cognitive theory in cultural context. *Applied Psychology: An International Review*, 51(2), 269-290.
- Randi, J., & Corno, L. (2000). Teacher innovations in self-regulated learning. In M. Boekaerts, P. Pintrich & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 651-686). San Diego, NY: Academic Press.
- Rosário, P. (2004). *Estudar o estudar: (Des)venturas do Testar*. Porto: Porto Editora.
- Rosário, P., Mourão, R., Núñez, J. C., González-Pienda, J., Solano, P., & Valle, A. (2007). Eficacia de un programa instruccional para la mejora de procesos y estrategias de aprendizaje en la enseñanza superior. *Psicothema*, 19(3), 422-427.
- Rosário, P., Núñez, J., & González-Pienda, J. (2004). Stories that show how to study and how to learn: An experience in Portuguese school system. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 1, 131-144.
- Schunk, D. H. (1994). Self-regulation of self-efficacy and attributions in academic settings. In D. H. Schunk & B. J. Zimmerman (Eds.), *Self-regulation of learning and performance: Issues and educational applications* (pp. 75-99). Hillsdale: Erlbaum.
- Schunk, D. H., & Ertmer, P. A. (2000). Self-regulation and academic learning, self-efficacy enhancing interventions. In M. Boekaerts, P. Pintrich & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 631-649). San Diego, NY: Academic Press.
- Zimmerman, B. J. (2000). Attaining self-regulation. A social cognitive perspective. In M. Boekaerts, P. Pintrich & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 13-39). San Diego: Academic Press.

